



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

## **A MEMÓRIA E O TEMPO/LATINO, AMÉRICA NA PINTURA DE CHICO LIBERATO**

Patrícia Moreira Santos  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: [patricia.moreira.cine@gmail.com](mailto:patricia.moreira.cine@gmail.com)

### **INTRODUÇÃO**

Em 1999, o artista plástico e cineasta baiano Chico Liberato produziu uma exposição de suas obras intitulada: *Tempo/Latino, América* para o Museu de Arte Moderna da Bahia, uma exposição individual, que representava naquele momento um significativo espaço de reflexão da arte contemporânea sobre a contribuição cultural das civilizações sul-americanas desenvolvidas desde os tempos pré-colombianos.

Nessa mesma época, Chico Liberato dividia seu tempo entre a pintura e a coordenação do setor de animação do Departamento de Imagem e Som da Fundação Cultural do Estado da Bahia. Sem abrir mão da multiplicidade do fazer artístico contemporâneo, ele passa a refletir sobre as questões geo-políticas, onde um dos principais focos era o de crítica cultural. Heitor Reis, ex-diretor do Museu de Arte Moderna da Bahia, e que esteve próximo a Liberato nessa época, diz que:

[...] sua obra traça seu próprio caminho, evidenciando signos e símbolos de caráter transcendente, mas cuja significância nos remete aos conteúdos de sedimentos das expressões populares do continente, especialmente das etnias que definem o nosso povo, numa forma singularmente interessante de encontro entre o particular e o universal (REIS, 1983, p. 3).

A exposição possuía uma dimensão espiritual e ao mesmo tempo surgia como um manifesto em defesa de uma cultura brasileira e sua relação dinâmica com a cultura local, afro-baiana e latino-americana. Em seus quadros, Liberato recriou continuamente os signos “antropomórficos, arquetípicos e iconográficos” da cultura brasileira em sua dimensão étnica e universal, mas sem abrir mão de sua imaginação criadora e intelectual e, naturalmente, de sua subjetividade.

**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

Essa pesquisa surge como uma derivação e um aprofundamento de um aspecto específico da minha dissertação de mestrado finalizada em 2019 intitulada: *Memória, imagens e criação no Cinema de Animação de Chico Liberato* – do ponto relacionado às suas obras plásticas e visa compreender como a memória dos aprendizados, dos saberes incorporados, são operados e ou mobilizados na série de pinturas intituladas *Tempo/Latino América*. Além disso, nos propomos a analisar e buscar entender de que forma a memória e o tempo são expressas em quatro de suas obras plásticas: *Eu*, em dois tempos, *Somos o que fomos*, *Somos um* e *O que foi que eu fiz*, todas finalizadas no final da década de 1990 e pintadas na técnica acrílico sobre tela e ou madeira, pelo multiartista.

## PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Percorrendo os estudos propostos por Norbert Elias e Aby Warburg no que diz respeito à memória e a imagem, no caso de Elias mais especialmente quando trata da teoria simbólica e de Warburg no que diz respeito à análise da arte – na tentativa de revelar como as imagens produzem pensamento e conhecimento - apontamos um exercício analítico acerca de algumas obras plásticas, que compreendemos seja também o reflexo de sua formação cultural que se realiza nos entremeios das relações entre indivíduos e sociedade. Valendo recorrer também ao Henri Arraes Gervaiseau para criar um primeiro ensaio sobre a relação da memória e o tempo propostas nas telas de Chico Liberato.

Segundo Norbert Elias (2002,p.7) os símbolos são o escopo que permite que os seres humanos possam conservar, absorver e operar sobre os conhecimentos mobilizados e ou transmitidos. No atlas “Mnemosine” iniciado por Aby Warburg, os símbolos ou marcas e vestígios aparecem inicialmente como distância entre „eu“ e „mundo“ – condição da linguagem e do conhecimento. Se existe arte, argumenta Warburg (2009, p. 125), é porque esta distância se tornou uma “função social duradoura”.

O tempo surge como tema e como reflexão na obra de Chico Liberato, cada obra aqui analisada desvela um processo de atualização do ser no tempo em uma imagem atual e contemporânea que exprime uma relação sempre renovada com os homens e com a vida. Tomando emprestadas as palavras de Gervaiseau para o cinema (2012, p.42) a pintura também pode ser compreendida como modo de expressão da ação da passagem



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

do tempo por uma pluralidade de consciências reunidas em um mesmo lugar. Ele toma do passado o instante presente expresso pelo pincel, esse movimento de passagem corresponde a uma atualização: ele vem do passado ao presente.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obra pictórica de Liberato é um somatório de experiências criativas, herança de múltiplas atividades desenvolvidas nas últimas décadas pelo artista. Há nelas muito de cenográfico, de animação, do cartaz, mescla de informalismos e figuração narrativa, e uma gestualidade torrencial. A pintura e o desenho se superpõem ou se contrapõem, dialeticamente, tensionando a estrutura, no que correspondem igualmente, à superposição e contraposição de tempos culturais e das etnias formadoras da “civilização brasileira”. Da mesma forma, há uma enorme variedade iconográfica, além de todo um repertório de brasilidades com extensões indígenas, africanas, latino-americanas: deuses pré-colombianos e orixás, sertão e cidade, o moderno e o arcaico, o que fomos, o que somos. E também arcaísmos temático-formais: frontalidade egípcia, quietude búdica, medievalismo, orientalismo e temas bíblicos.

Chico Liberato pretendia expressar uma percepção do tempo presente que trazia sobrevivências do tempo passado ou até mesmo coexistia com ele. Como se pode observar nas telas ora apresentadas (figuras 01 a 02), a comparação que Chico Liberato imaginava era sempre pautada numa reunião entre o passado e o presente. O espírito inventivo já pescava a ideia de animação digital, como na (figura 04) na obra “O que foi que eu fiz” de um lado um cangaceiro repleto de cores primárias chapadas sem fragmentos de textura, do outro lado, o homem moderno em um automóvel e cinto de segurança com cores impregnadas e texturas complexas – ao mesmo tempo que ele é um, é também o outro dentro do mesmo tempo.

Já é possível perceber uma invocação ao hibridismo que envolve uma temática universal “somos um” (figura 03) com um sentimento regional, afinal, os personagens constantes na imagem são locais. Com isso há também uma valorização pela ancestralidade, presente nas obras intituladas “Eu em dois tempos” e “Somos o que fomos” (figuras 01 e 02), nesse momento Chico Liberato transforma o tempo em lugar, surgindo também como uma chamada a um posicionamento ético diante do mundo em “o que foi que eu fiz” (figura 04). Tudo isso constitui uma memória, que ele faz questão de transmitir para sua



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



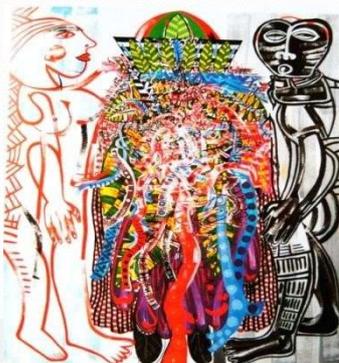
**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

obra plástica. Existe nessa exposição uma essência dicotômica atemporal, que caracteriza os conteúdos e as suas vivências, favorece uma visão do que Chico Liberato é no agora.

## Figuras

**Figura 01 Eu, Em Dois Tempos | Acrílico sobre tela 100 x 100cm - Ano 1999**



**Figura 02 Somos o que Fomos | Acrílico sobre tela 150 x 120cm - Ano 1999**



**Figura 04 O que foi que eu fiz | Acrílico sobre madeira e tela 184 x 178cm - Ano 1999**



**Figura 03 Somos um | Acrílico sobre tela 140 x 180cm - Ano 1999**



## CONCLUSÕES

Estamos desligados de nossa memória, buscamos outras referências no passado para a qualificação da nossa existência. E assim nos alienamos, e ficamos órfãos. É preciso “perguntar” as outras gerações que nos constituíram através do tempo e lhes dar o devido valor enquanto porções coexistentes de nós mesmos. Para nos reconhecemos como somos, o que fomos, a partir da tomada de consciência da nossa própria obra que

**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

são manifestos pela linguagem da experiência, do movimento, da relação tempo/ espaço a que estamos submetidos. A temporalidade e a imprevisibilidade dos acontecimentos caracterizam o mundo em seu processo de criação.

A memória dos acontecimentos gravados e transmitidos, a fonte promotora de nossas ações, tendo portando sua existência limitada pela temporalidade e pela precibilidade do personagem configurado por ele.

Seja o que for que exista tem como fonte os efeitos motivados pelos eventos e impregnados pela memória e passa pelo tempo. Hoje podemos tomar conhecimento desses processos culturais da América Latina, a partir da chegada de nossos antepassados europeus e, em seguida, africanos. Os homens e mulheres que aqui habitavam estavam identificados culturalmente a uma relação profunda com a natureza. O meio ambiente, o comportamento da fauna e da flora, foram suas fontes de referência para o desenvolvimento de uma inteligência que valoriza estes aspectos da vida e deram especificidade ao seu processo de expressão cultural que é mostrado na obra de Chico Liberato.

Desse encontro das três vertentes, América, África e Europa, que alimentam o processo de evolução da América Latina, a configuração plástica das formas dos orixás, sua simbologia à representação pictórica da arte popular nordestina, demonstram a memória referenciada e somada na obra de Chico Liberato através do tempo. O tempo para Chico não passa, flui.

**PALAVRAS-CHAVE:** Artes Plásticas; Chico Liberato; Tempo; Memória.

## **REFERÊNCIAS**

REIS, Heitor. ARTISTAS Contemporâneos da Bahia. Apres. Aracy Amaral. Fundação Cultural do Estado da Bahia, Salvador, 1983.

ELIAS, Norbert. Teoria Simbólica. Oeiras (Portugal): Celta, 2002.

GERVAISEAU, Henri Arraes – O abrigo de tempo: abordagens cinematográficas da passagem do tempo. São Paulo, Alameda. 2012

WARBURG, Aby. Mnemosyne. Revista Arte & Ensaios, n. 19, p. 125-131, 2009.  
Disponível em: [https://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae22\\_dossie\\_Cezar-Bartholomeu\\_Aby-Warburg\\_Giorgio-Agamben1.pdf](https://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae22_dossie_Cezar-Bartholomeu_Aby-Warburg_Giorgio-Agamben1.pdf). Acesso em: 28 maio 2019.